

## A IDENTIFICAÇÃO COM O EU

Saudações, queridíssimos amigos. Bênçãos para cada um de vocês. Abençoada seja esta hora! Que todos possam mais uma vez auferir benefício de minhas palavras, mesmo que como acontece tantas vezes, a verdadeira compreensão só venha depois, sempre que neste trabalho, vocês atingem o nível ao qual se aplica o teor de determinada palestra. Quando descobrem seus problemas e conflitos interiores, o que é dito na palestra começa realmente a fazer sentido. Às vezes isso só acontece anos depois de terem ouvido ou lido uma palestra. Mas quando acontece é uma compreensão totalmente nova, uma nova experiência. Nesse momento, vocês sabem o que significa a diferença entre compreensão intelectual e emocional.

Os novos amigos não terão muita facilidade em acompanhar, pelo motivo mencionado acima. Aqueles que já seguem este caminho podem nem sempre conseguir entender de fato. Portanto, é muito mais difícil para alguém que ainda não se dedica ao autoconhecimento. Nem mesmo o entendimento intelectual é possível para quem não tiver ouvido as palestras anteriores que desembocam na palestra atual. Mesmo assim, alguns pensamentos aqui apresentados podem repercutir profundamente e mais cedo ou mais tarde contribuir para trazer as pessoas para este caminho de libertação. Pode ser lançada a semente que brotará posteriormente.

Agora meus amigos, quero falar sobre um tópico que não abordei anteriormente; a identificação consigo mesmo, ao contrário da identificação com os outros. Da última vez falei sobre o relacionamento do homem com o tempo. Lembrar-se-ão que eu disse que é muito raro o homem viver no agora. Ele se lança ao futuro. Volta ao passado. Muitas vezes, esses dois movimentos contraditórios acontecem ao mesmo tempo. Nos dois casos, o homem se esforça para se afastar do agora.

É somente quando vivem no agora que vivem a realidade. Vocês não podem viver a realidade quando se esforçam para atingir o futuro porque o futuro como esperam ou imaginam ou temem, talvez nunca se concretize exatamente daquela maneira. Mas vamos supor, em teoria, que fosse possível imaginar o futuro exatamente como será (o que naturalmente, jamais acontece). Mesmo assim, vocês estariam vivendo uma ilusão, porque aquilo não está acontecendo naquele momento. Portanto, reagem e vivenciam a fantasia e não a realidade.

Por outro lado, se voltam ao passado e mesmo quando procuram revivê-lo exatamente como foi (se isso fosse possível, o que não é), mesmo assim seria uma ilusão, porque neste momento vocês estão em novo segmento temporal. Reagem a uma fantasia, vivem na fantasia e não na realidade do agora. Uma das características da realidade é que está constantemente fluindo. É o contrário de estar paralisado ou estático.

Nem é preciso dizer que vocês não conseguem reproduzir o passado, como não podem imaginar um futuro e vivê-lo. As nuances subjetivas, provenientes dos desejos e medos, distorcem o quadro real, deixam-nos cegos para fatores que existiram ou existirão, os fazem ignorar o estado mental e os sentimentos diferentes, mesmo que procurem intencionalmente negar essa mudança – e dessa forma tolher o crescimento – para poderem viver a fantasia. Vocês têm medo de permitir que o fluxo natural do tempo se torne parte de sua alma por causa de suas ideias distorcidas e conceitos errôneos. Se conseguissem confiar no fluxo do tempo, a qualidade benigna do movimento e passagem do tempo, também poderiam se permitir acompanhar, portanto, possibilitar que as faculdades interiores oscilassem em harmonia com a corrente do tempo. Vocês não precisariam manipular o tempo, puxando-o para trás ou empurrando-o para frente. Não precisariam temer o futuro, nem desejar a realização no futuro, nem teriam de voltar ao passado para lembrar-se de uma realização do passado. Afinal de contas, isso acontece simplesmente porque não confiam no futuro, não confiam em si mesmos para viver o agora quando o futuro chegar. Essa desconfiança é justificada apenas em parte, devido aos seus conceitos e atitudes destrutivos e irrealistas, que impedem a realização no agora, seja quando for. Ao se projetar para o passado ou para o futuro, procuram o remédio errado contra as obstruções, procuram uma “saída fácil”, em vez de cuidar daquilo em vocês que impede que levem a vida plena que devem levar.

Para viver o agora e a realidade precisam ter aguda percepção da realidade de si mesmos. É muito frequente isso não acontecer. As pessoas, em sua maioria, não conhecem a si mesmas na realidade. Trata-se de um processo muitíssimo sutil. Raramente pode ser definido com exatidão ou comprovado, exceto em estados muito avançados. Provavelmente a maioria está convencida de que têm noção da realidade de si mesmos. No entanto, no exame mais apurado de alguns sintomas, que aprendem a avaliar ao longo deste caminho, acabam descobrindo que isso é uma falácia. Esse é sempre o primeiro passo para eliminar um estado negativo. Todos os meus amigos já passaram por experiências semelhantes, com respeito a outros fatores da vida interior. Externamente, conscientemente, nada parecia indicar uma situação negativa. Vocês estavam convencidos de que, a esse respeito tudo estava bem. Foi somente depois de um exame mais de perto que descobriram profundamente oculto, exatamente o contrário do que acreditavam. Naquele momento, vocês entenderam como a distorção oculta destruiu tantas possibilidades de vida plena, de felicidade, de sentido. A descoberta nunca é prejudicial. Não enxergar o que está lá é que os prejudica!

Descobrirão a falta de realidade para consigo mesmos. Antes de falar da identificação consigo mesmo, gostaria de indicar alguns sintomas pelos quais podem detectar a falta de se sentir verdadeiro. Da maneira mais simples possível, esse aspecto pode ser encontrado no sintoma que a maioria das pessoas não acha que a morte é realidade. Ver a si mesmo como mortal não é negativo nem mórbido, como se poderia erradamente entender. O senso realista da própria mortalidade nunca é um peso. Nunca diminui o agora nem a realidade de viver, a despeito dos conceitos ou crenças da pessoa com relação à vida depois da morte. É exatamente o contrário. Em geral, quem nunca pensa na sua mortalidade como realidade é a pessoa que tem medo mórbido da morte. Nessa questão fundamental, encontrarão um sintoma claro de que não vêem a si mesmos em realidade. Pois se não sentem que a mortalidade é real, também não podem sentir a vida como real.

É claro que há muitos outros sintomas menos evidentes ou extremos que indicam o senso de realidade de si mesmo ou em outras palavras, a falta de identificação consigo mesmo. Esses sintomas podem estar, por exemplo, no momento passageiro em que descobrem que aquilo que pensam ou sentem, ou que expressam em uma conversa é importante por causa da impressão que causa, e não

pelo que é. É difícil determinar a diferença por ser muito sutil, mas assim que a perceberem, se destacará e fatalmente mostrará a diferença essencial entre identificação com o eu ou com os outros, entre sentir o eu como real ou não. Até os pensamentos, sentimentos e experiências interiores mais vitais e essenciais muitas vezes sofrem essa distorção.

Talvez também descubram, de maneira passageira vaga e nebulosa, que a atitude quanto aos seus atos, pensamentos e sentimentos diz: “queria que os outros me vissem agir, pensar, e sentir isso”. Nesse momento de descoberta, detectarão que transferem a identidade de si mesmos para os outros. Portanto, o senso de realidade de vocês mesmos depende dos outros. Vivem por meio dos outros.

Mas, por favor meus amigos, não me entendam mal. Não quero que pensem quando falo dos sintomas que estou fazendo uma censura, incitando-os a mudar rapidamente. Isso é mais difícil do que qualquer outra situação errônea trabalhada neste caminho. Se tentarem eliminar a situação de maneira vigorosa e intencional, só conseguirão piorar as coisas porque passarão a se identificar comigo e não consigo mesmos. Simplesmente, obedecerão à outra autoridade, apenas transferirão a identificação.

Em vez de corrigirem imediatamente os aspectos observados devem considerá-los sintomas que levarão como caminho bem delineado, às áreas mais profundas. Por sua vez, permitirá aprofundar a compreensão e a consciência de si mesmos, em relação a toda a área em pauta naquele momento.

Agora falaremos mais diretamente da questão da identificação. Até certo ponto, a psicologia e a psiquiatria, no estágio em que se encontram hoje já descobriram esse aspecto e conhecem suas manifestações saudáveis e doentias. Mas eu gostaria de ir um pouco mais fundo e esclarecer a questão de ponto de vista mais amplo.

O ego do bebê e da criança pequena é tão fraco que não consegue se sustentar. Como já discutimos em diferentes relações e contextos, a criança depende do mundo adulto, mais forte e mais poderoso. Todo mundo percebe e entende essa dependência no tocante à vida física. A criança é dependente para obter alimento, proteção contra o perigo, abrigo. Mas os corpos sutis têm vida própria que funciona de acordo com leis muito semelhantes às físicas. A criança não depende unicamente com respeito a sua existência física, mas também sua existência emocional, intelectual e espiritual. É preciso dar amor à criança, tanto quanto alimento. Ela não consegue obter nenhum dos dois por conta própria. O adulto maduro não espera desamparadamente ser amado. O amor chega até ele por causa de sua própria capacidade de amar e se relacionar. Nunca se sente inseguro e impotente por não ter amor. Sempre que detectarem esses aspectos em si mesmos, saberão que é indício de imaturidade emocional. O amor é essencial na vida. Mas o ego fraco da criança é de fato, dependente. O adulto maduro não depende mais disso do que precisa ser dependente dos outros para garantir sua subsistência física.

Da mesma forma, a criança não é capaz de formar suas próprias ideias e conceitos. Não pode discriminar razão, bom senso, lógica e seus opostos. Depende que lhe forneçam ideias e princípios, que são as balizas de seu processo de crescimento. Negar à criança tais balizas não faria com que atingisse sua verdadeira independência melhor e mais rapidamente. Pelo contrário, se deixar uma criança à míngua, ela não terá melhores condições de lutar pela existência. Se não der amor a uma

criança, ela não se torna mais capaz de amar por causa disso. É exatamente o contrário. Quando cresce desde que o crescimento ocorra naturalmente, aos poucos corta os laços com os pais, tornando-se independente do ponto de vista financeiro, desenvolvendo a capacidade de amar e assim, não depender que dêem amor a ela; ao discriminar as ideias e princípios que ouviu e aprendeu e descartar o que não pode aceitar, mudando, pesquisando para talvez mais tarde voltar às mesmas ideias, mas somente depois de tê-las descoberto por si mesmo e para si mesmo. Serão de si próprio. Quando esse processo acontece, prevalece o crescimento natural, estabelece-se a independência de corpo, alma e espírito. O vínculo de dependência em relação à autoridade dos pais é cortado. O espírito saudável corta o vínculo mesmo quando os pais não incentivam tal desligamento, e tentam possivelmente mantê-lo intacto.

Mas o espírito ou alma oprimido por problemas não resolvidos não deseja cortar o vínculo – muito pelo contrário, faz o possível para mantê-lo. Muitas vezes a manutenção é feita de maneiras precárias, ocultas e distorcidas. Infelizmente é muito comum o equívoco de que a independência emocional significa isolamento, enquanto retirar-se do envolvimento e as tentativas frenéticas de manter a dependência, são interpretadas como capacidade de amar. Já disse isso muitas vezes no passado, mas agora acho necessário repetir no presente contexto como advertência. Se vocês refletirem não há como não verem que a verdade é exatamente o oposto. A pessoa madura, externa e internamente, depende de si mesma e nesse processo reside a capacidade de reciprocidade, de troca, de envolvimento, de dar e receber – em suma, se relacionar.

Na recusa (interior e inconsciente) de cortar os laços com a autoridade protetora está a identificação com tal autoridade. A criança precisa do bom exemplo do qual se serve para moldar seu ego e que mais tarde lhe dê a possibilidade de ser livre. Mas se esse bom exemplo servir apenas para continuar com a identificação e assim impedir a identificação com o eu, o bom propósito original foi mal interpretado. Nesse caso, a criança deseja tornar-se o genitor com o qual se identifica e mais tarde procura ser esse genitor, em vez de encontrar e ser seu próprio eu.

É importante entender que tal identificação pode não ser absolutamente evidente ou vir à superfície. É também necessário entender que se deve procurar a identificação negativa. Em outras palavras, a pessoa certamente não deseja imitar o genitor detestado ou desprezado, mas no plano inconsciente pode identificar-se com ele. No medo de se assemelhar a esse genitor e na suspeita de que isso possa acontecer, está embutida a identificação, talvez na vaga ideia de que esse genitor possa ser melhor, apesar das características indesejáveis. Em resumo, toda essa preocupação (embora muitas vezes inconsciente) pode ser uma identificação negativa. A ligação com esse genitor indesejável que a pessoa rejeita, pode ser ainda mais difícil de romper do que o vínculo com um genitor amado. É muito importante entender isso, meus amigos.

Para a criança, a identificação positiva é desejável. Para o adulto, a identificação positiva é tão indesejável quanto a negativa, pois ambas impedem a evolução do eu.

Gostaria de adverti-los não devem julgar ou avaliar de que forma se identificam com quem, usando para isso apenas as faculdades intelectuais. Poderá ser muito enganoso. O que efetivamente existe em vocês pode ser totalmente diferente. Somente o trabalho intenso revelará a verdade. Talvez, conscientemente, admirem e queiram imitar um dos genitores, desprezando e odiando o outro. No entanto, no decorrer do nosso trabalho, muitos constataram que têm tendências, atitudes e padrões de comportamento semelhantes aos do genitor odiado e desprezado. Frequentemente isso

causará choque. Mas essa constatação indica que se identificam exatamente com o genitor que menos gostariam de se identificar. Portanto, cuidado com julgamentos precipitados.

A identificação original com o genitor é muitas vezes substituída por outros que tomam o lugar deste – sem que o eu consciente se dê conta disso. Essa identificação não acontece apenas com pessoas, mas também com grupos, nacionalidades, religiões, afiliações políticas. Até os grupos minoritários que se revoltam contra as massas servem como meio de identificação para essa distorção psicológica. O conformismo é a consequência da necessidade de se identificar com alguém mais poderoso. Tal conformismo ou identificação também pode se manifestar disfarçado de não conformismo e aparente individualismo. Mas se o individualismo for muito exagerado, se a pessoa der muito destaque a este é uma indicação de que se trata de identificação. Assim, muitas vezes um grupo minoritário rebelde acredita que é livre nesse sentido e de acordo com todas as aparências desafia o conformismo. Mas, sempre que existe a necessidade aguda de provar alguma coisa, pode-se ter certeza de que por trás há uma falha. A pessoa verdadeiramente independente e livre não precisa mostrar essa característica de maneira exibicionista. Não precisa ser militante. Portanto, é bem possível que um grupo minoritário não conformista sirva como modelo substituto de identificação.

As pessoas também podem se identificar com causas. Por mais que uma causa seja válida e boa, se servir como substituto da identificação do eu, há dano. O dano não é abraçar uma causa meritória, acreditar nela e trabalhar por ela (tudo isso pode muito bem ser feito com liberdade interior) e sim a necessidade de encontrar um substituto em quem se apoiar, porque a pessoa não encontrou em si mesma a área que ainda é frágil como uma criança, porque ainda não entendeu a motivação oculta que a levou a abraçar a causa.

Não advogo um tipo de vida em que se separam de todas as ideias, grupos, lealdades e causas. Isso seria isolamento e falta de responsabilidade para com a sociedade. Mas existe grande diferença, meus amigos, entre abraçar uma causa devido a uma convicção saudável, devido à liberdade interior, alimentada por recursos internos próprios e usar a mais nobre das causas para substituir a fonte que existe dentro de si à espera de ser utilizada.

A forma extrema de identificação com outros por causa de um ego fraco que não cresceu é conformismo com a opinião pública e imitação barata de visões alheias. Mas essa situação existe na maioria dos seres humanos de uma forma ou outra, mas muito sutil, portanto, difícil de detectar. Isso certamente não significa que seja menos importante descobrir e superar.

Há algum tempo dei uma palestra sobre autoalienação. Nem é preciso dizer que há conexão entre esse tópico e o que discutimos hoje. Mas, não se trata da mesma coisa. A autoalienação é produto ou resultado, da não identificação com o eu. Em outras palavras, ao discutir a autoalienação estamos falando do efeito, enquanto agora estamos chegando perto da causa. Sempre que percebem em si condições e correntes psicológicas que indicam dependência emocional dos outros, podem ter certeza de que estão no caminho certo para descobrir que ainda não estabeleceram a sua identidade. Sempre que sentirem um vago medo de que os outros não lhes proporcionem aquilo de que necessitam e esperam – seja ajuda financeira, aprovação, amor, aceitação – sempre que sentimentos de ansiedade indiquem que têm necessidade maior que normal de interdependência de outras pessoas (que nunca gera ansiedade e também outras emoções negativas) pode ser visto como a necessidade de receber o sangue vital interior de fontes exteriores. Que esse estado de coisas não é natural e neces-

sário quase não precisa ser enfatizado, uma vez que o vejam com clareza. Pode ser mudado e não precisam viver na dependência inútil que os enfraquece em vez de fortalecê-los.

Não ignorem a rebeldia contra a necessidade de receber aceitação ou concordância. Sabem por experiência, que por trás da rebeldia muitas vezes existe a necessidade aguda exatamente daquilo contra que se rebelam.

Enquanto o cordão umbilical emocional e espiritual não é cortado, o eu não pode crescer. Só crescerá até um grau limitado como o bebê no útero da mãe só pode crescer até um certo ponto. Para que haja mais crescimento, o bebê precisa evoluir e o cordão umbilical precisa ser cortado. Somente então o crescimento físico prosseguirá. O processo na personalidade interior não é nem um pouco diferente. Enquanto o “cordão umbilical” interior não é cortado dependem, na verdadeira acepção da palavra, de outras pessoas para ter o direito de existir. Todos os aspectos psicológicos de apaziguar, trair, de autoalienação e assim por diante, não passam de indícios de que ainda não foram capazes, pelo menos em algumas áreas, de identificar-se consigo mesmos. Portanto, não possuem o senso de realidade de si mesmos. Consequentemente não conseguem vivenciar plenamente todos os momentos da vida. Sempre que existe falta de identidade e dependência dos outros por meio da identificação, fatalmente constatarão que de uma maneira ou outra, tentam usar os outros. Como se condenaram a uma vida parasitária, vivendo dos outros, inevitavelmente procuram usar as pessoas das quais dependem. Nesse uso oculto pode ser encontrada a distorção do “amor” que imaginam sentir. Vocês fingem amar, quando apenas precisam porque sem isso afundam. Acham que não possuem realidade a não ser a realidade concedida a vocês. Quanto mais usam as pessoas de que precisam, mais fracos se tornam; portanto, mais acreditam que precisam dos outros para se fortalecer.

Viver no agora é viver na onda do tempo. Nessa dimensão, o tempo flui com certo movimento e ritmo. Esse movimento pode ser determinado pelas estações, pelo dia e noite, pela posição dos planetas em relação a terra, e pela posição da terra em relação aos planetas, todos em constante movimento no espaço. Estes movimentos criam determinadas ondas rítmicas. Em ínfimo grau no decorrer dos séculos, o homem percebeu algumas destas leis do movimento rítmico do tempo como na astrologia. Mas o entendimento obtido foi muito limitado. Todo mundo sabe, sente e muitas vezes expressa esse movimento em termos de “bons tempos” ou “épocas ruins”. Há períodos em que as coisas vão bem; tudo que a pessoa decide fazer corre bem, dá bons resultados. A pessoa se sente mais livre do que de costume, tem esperança apesar de condições problemáticas, existe satisfação pelo menos em certa medida. Existem os períodos de curva descendente, quando tudo parece dar errado. Qualquer um que perseverar no desejo sincero de encarar verdadeiramente a si mesmo chegará a um ponto em que os chamados “períodos ruins” – literalmente as manifestações da desarmonia que o homem criou em seu relacionamento com a dimensão tempo – gerará tanta vitória, tanta compreensão que deixará de sentir a curva rítmica descendente do movimento do tempo como um período deprimente, perturbador ou desfavorável. Pois cada momento de vida plenamente experimentado na realidade do agora, gerará aventura, animação de maneira pacificamente harmoniosa, vida que vale a pena viver. Mas isso não pode acontecer enquanto não aprenderem a avaliar e entender o que há de negativo em vocês, portanto, os “maus períodos”. Então estarão na sua verdadeira dimensão tempo. Vivenciarão a si mesmos em realidade. Essa paz, essa âncora interior é algo que não pode ser descrito. É algo que não pode ser substituído por nenhum outro objetivo, ou realização, ou estado que aparentemente valha à pena. A alma de todas as pessoas contém riqueza, contém tesouros. Pertencem a vocês, basta querer. Muitas vezes nos entristecemos ao observar como o homem segue na direção errada em busca da satisfação que percebe vagamente, como literalmente

perde tempo procurando soluções e satisfação na direção errada. Pois apenas quando recorre à fonte de riqueza interior é que deixa de se afastar do agora, e portando deixa de se afastar de si mesmo. Assim, não mais busca seu sustento em outras fontes. Mas enquanto depender da fonte vital exterior, o homem usa recursos de toda espécie que diminuem e enfraquecem ainda mais seu eu real.

O que mencionei sobre usar os outros é muito importante de entender, descobrir e ver em si mesmos. Não apliquem isso apenas à manifestação exterior extrema de usar os outros; tentem vê-lo na versão mais sutil que têm de usar, pois parece que a sua vida realmente depende dos outros. Portanto, precisam estar no controle. Muitos já começaram a enxergar a forte tendência a estar no controle. Pessoas diferentes recorrem a meios diferentes de exercer o controle. Isso precisa ser averiguado em cada pessoa e como se aplica em cada caso, quais são os meios específicos usados, por que vocês têm medo de não estar no controle, como acabam com relacionamentos por causa da luta pelo controle, quando cada um dos parceiros no fundo, age como se a sobrevivência pessoal estivesse em risco, como distorcem os problemas na luta irrealista pela sobrevivência, como estragam a substância vital que faria aumentar a reciprocidade e a satisfação. Essa necessidade de controle faz com que manipulem os outros, a si mesmos, aos sentimentos naturais vitais. Por esse processo, o eu não pode se tornar forte, livre e independente.

Sempre que vocês constatarem a necessidade aguda de estar no controle – dos outros, da situação, de um relacionamento – vocês têm uma pista para descobrir a não identificação consigo mesmos. Se examinarem essa tendência do ponto de vista discutido hoje, se usarem as pequenas pistas e destaques como pontos para investigar e a partir dos quais avançar, entendendo ao mesmo tempo o prejuízo causado pela interrupção do crescimento, verão sem dúvida o âmago da negação intencional de si mesmos que ocasiona tanto sofrimento desnecessário. Então, serão capazes de continuar trazendo a personalidade à tona. Será mais fácil do que descobrir as condições negativas. Mas antes precisam ter plena consciência da relação parasitária com os outros, da identificação com os outros para depender deles, de um modo ou de outro. Verão os laços que até agora se recusaram a cortar, portanto, não poderiam criar raízes dentro de si. Quando descobrirem essas áreas, será relativamente fácil, embora certamente não aconteça abruptamente, cortar os laços, se tornarem quem realmente são e se identificarem consigo mesmos.

Agora, meus amigos, vocês dispõem de algumas semanas para refletirem sobre essa palestra. Como terão a oportunidade de fazer todas as perguntas referentes a palestras específicas nos debates, vamos passar às perguntas que não se relacionam com esta palestra. Preparem suas interpretações para o debate, para podermos ver se realmente entenderam. Pensem em todas as facetas que não ficaram claras. Formularem perguntas concisas sobre os pontos confusos. Será muito proveitoso. Se tiverem perguntas não referentes às palestras que serão objeto de debate, podem fazê-las agora.

PERGUNTA: por favor, você poderia explicar o fenômeno do sono?

RESPOSTA: os corpos sutis do homem precisam livrar-se da carga do corpo físico, da matéria física bruta. O homem não poderia viver sem esse descanso. A matéria física é uma carga para a personalidade real. Estou falando no sentido literal da palavra. O homem precisa de um descanso dessa carga para poder movimentar-se e estar em liberdade. Isso acontece em uma dimensão diferente. Na dimensão mais ampla e mais livre existe descanso, descontração e recomposição de forças. Essa é basicamente a principal razão do sono. É a função do sono. Essa libertação da matéria bruta, a passagem para uma dimensão mais ampla, não só restaura os órgãos físicos; de fato os órgãos fisi-

cos são restaurados pela restauração da corrente sanguínea psíquica que é regenerada em uma dimensão diferente. Os corpos psíquicos ou sutis são sempre a causa; o corpo físico é o efeito.

Com muito amor, deixo-os agora, abençoando a todos. Essa bênção contém grande força, uma substância que pode trazer a verdade e a regeneração da sua alma para que encontre o vigor necessário, a vontade de estabelecerem-se em si mesmos. Fiquem em paz. Fiquem em Deus!

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.